

## **ANÁLISE COMPARATIVA DO FIGURINO DO FILME REI ARTHUR (2004) COM A REALIDADE HISTÓRICA.**

*Comparative analysis of King Arthur Movie costumes (2004) with the historical reality.*

Camargo, Gabriela Martins; Especialista; Universidade Tecnológica Federal do Paraná. [gabi\\_camargo@hotmail.com](mailto:gabi_camargo@hotmail.com)

Miyamoto, Erika R. Andrade; Graduanda; Universidade Tecnológica Federal do Paraná. [erikaguru@yahoo.com.br](mailto:erikaguru@yahoo.com.br)

### **Resumo**

Este artigo é o resultado de uma análise investigativa e comparativa entre o figurino do filme Rei Arthur e a realidade histórica, com base nas descrições encontradas em bibliografias especializadas em história do vestuário.

**Palavras chave:** realidade histórica, filme ficção e figurino.

### **Abstract**

*This article is result of an analogical investigation and comparison between the costume designer of the movie King Arthur and the real historical vests, based on descriptions found in specialized books of historical costumes.*

**Keywords:** *historical facts, fictional movie and costume designer.*

### **Introdução**

Devido ao contato constante com lendas, desenhos animados, livros de ficção e outros pontos de vista cinematográficos e históricos, têm-se uma idéia romantizada a respeito da figura do Rei Arthur. Neste filme a história se passa em 452 d.C. (Século 5) e os personagens são humanos comuns, sem poderes ou espadas mágicas. É a história de um homem conquistando o direito de ser chamado de rei.

De acordo com a introdução histórica do filme, historiadores concordam que a lenda disseminada no século quinze, do Rei Arthur e seus cavaleiros, surgiu de um

herói verdadeiro que viveu mil anos antes, segundo descobrimentos arqueológicos recentes, os quais revelaram sua identidade.

De acordo com o consultor histórico do filme, John Matthews, há uma teoria que expõe que um grupo de guerreiros sármatas estava acampado, como parte das legiões romanas, ao longo do Muro de Adriano. Eles eram liderados por um centurião chamado Lucius Artorius Castos, sendo que Artorius é latim para Arthur.

Durante uma das guerras de invasões do Império Romano em busca de terra e povos subservientes ao seu país, os romanos se depararam com o grupo de cavaleiros sármatas, e como tinham habilidades incríveis sobre os cavalos, foi feito um acordo de que toda geração deveria servir a Roma pelo tempo de quinze anos, durante os quais sua liberdade de ir e vir estariam suspensas. Foi assim que os cavaleiros, cada um de uma tribo diferente, se conheceram e passaram a formar um grupo que passou de história para lenda por seus bravos e heróicos atos.

Como é o objetivo do próprio filme mostrar a verdadeira história do Rei Arthur, a origem da espada Escalibur, da Távora Redonda, entre outros que realmente existiram, também seria coerente que o figurino estivesse de acordo com a fato histórico.

Logo, este artigo é resultado de uma verificação sobre a veracidade do figurino exposto e planejado para o filme Rei Arthur lançado em 2004, evidenciando se o mesmo está de acordo com a realidade histórica pesquisada em bibliografias especializadas em história e história da indumentária, como dos autores: Köhler (2001), Laver (1989), Leventon (2009), Pazzinato e Senise (1992); e Piletti e Piletti (2000), além do material visual retirado do próprio filme, seu making off e sites especializados em cinematografia.

### **Rei Arthur: contexto histórico real**

O filme se passa em aproximadamente 467DC, o que é relativamente um período de transição da Idade Antiga para a Alta Idade Média, que foi marcada pela invasão da Europa por diversos povos que contribuíram para a formação do feudalismo.

É um período também de transição de sistemas de poder, onde se vê o declínio do Império Romano do Ocidente e a raiz do novo tipo de sistema, onde o poder que antes se encontrava totalmente na mão do Estado, passa então para o poder privado.

O feudalismo foi o sistema econômico, político, social e cultural da Europa na Idade Média, e este sistema é definido pelas relações servis de produção, em que o senhor é proprietário da terra e o servo depende dele, devendo cumprir integralmente as Obrigações Servis.

Entre os séculos quatro e seis, a Europa foi invadida pelos Povos Bárbaros, assim chamados por não viverem dentro dos limites do Império Anglo-Romano e por não falarem a língua oficial dos romanos: o latim. É durante estes séculos, na denominada 1ª etapa de invasões, momento em que ocorrem as invasões germânicas, que se passa o filme.

Antes destas incursões, os povos bárbaros de origem germânica – os saxões - habitavam as regiões norte e nordeste da Europa. Estes povos viviam em relativa harmonia com os romanos e chegaram a realizar trocas e comércio com os romanos, por meio das fronteiras. Além disso, muitos germânicos foram até mesmo contratados para integrarem o exército romano.

Entretanto a convivência pacífica entre esses povos e os romanos durou até o século quatro, quando uma horda de hunos, originários da Mongólia, pressionou os povos bárbaros nas fronteiras do Império Romano. De acordo com Piletti e Piletti (2000, p. 128), os hunos eram um *“povo de vida nômade, criavam cavalos e moravam em carroças e tendas. Excelentes cavaleiros e arqueiros, seguiam um chefe em busca de combates que lhes garantissem pilhagens compensadoras”*.

Portanto o que se viu neste século e no seguinte, foram invasões muitas vezes violentas e que acabaram por derrubar o Império Romano do Ocidente. Também podem-se citar como outros motivos que acarretaram a invasão dos bárbaros: a busca de riquezas, de solos férteis e de climas agradáveis.

## O Figurino

Existem sete cavaleiros principais incluindo Arthur, que são Lancelot, Bors, Tristão, Galahad, Dagonet e Gawain, cada um tem uma identidade e visual diferente, o que leva a entender que cada um foi selecionado em uma tribo-aldeia natal diferente.

A heroína feminina é Guinevere (figura 1), uma woad resgatada do parcialmente vilão exército romano, que tem um visual bem eclético, de civilizada a tribal.



Figura 1. Fonte: <http://cineminha.com.br/filme/41102-Rei-Arthur>

Ainda deve se prestar atenção aos vilões do filme: o exército bárbaro germânico, que tem figuras muito bem caracterizadas destes povos. Aparecem ainda os camponeses, os criados, os woads, os romanos e os criados dos cavaleiros.

A peça mais característica da indumentária romana era a toga, e assim como a Grécia recebeu influências cretenses, Roma recebeu influências etruscas e gregas, inclusive na maneira de se vestir; e por isso pode-se fazer a correspondência toga com o himation grego.

Os romanos usavam a túnica e, por cima dela, a toga, que era extremamente volumosa e denunciadora do status social daquele que a portava. Era normalmente de lã e em formato de um semicírculo, o que favorecia o denso e rico drapeado. Pessoas mais simples, como os trabalhadores usavam somente a túnica.

As mulheres usavam a túnica longa e, muitas vezes, a stola sobre ela, que era um outro tipo de túnica cujas principais características eram as mangas. Para as mulheres, a peça correspondente à toga era a pella, uma espécie de manto que tinha o formato retangular, sendo esse detalhe a maior diferença em relação ao artefato masculino. Para os pés, predominava o uso de sandálias.

Os soldados romanos se protegiam com túnicas de couro reforçadas com placas de metal e usavam grevas - cobertura usada nas pernas, geralmente feita com uma espécie de tira de tecido fino, armados com uma espada, um escudo e um elmo – um tipo de capacete metálico. As roupas de campanha da infantaria (figura 2) pesada e da cavalaria eram compostas da túnica curta, do saiote e da couraça, uma espécie de escudo de metal ou de couro, no formato do tórax, e nos pés, a calligae, um tipo de bota fechada. Usava-se também um elmo que envolvia quase toda a cabeça, o qual poderia possuir laterais móveis, mas não trazia visor. A cimeira – parte superior do elmo, possuía a forma da crina de um cavalo, sendo em geral deste mesmo material ou crista de penas.



Figura 2. Fonte: <http://cineminha.com.br/filme/41102-Rei-Arthur>

A infantaria leve usava grevas de couro e túnicas de feltro duplo ou couro, com cinto de metal. Como traje complementar militar masculino, encontra-se também a clâmide, um manto mais curto e feito de lã grossa.

De acordo com Leventon (2009, p. 32):

“o exercito romano adotou toda tecnologia e todo equipamento superiores encontrados entre seus mais antigos inimigos, apesar de essa apropriação não ser facilmente identificada nos registros visuais e arqueológicos. Armamentos gregos – como o colete na forma dos músculos e armaduras com escamas do século 4 a.C – aparecem com frequência nas representações de soldados romanos, embora a acuidade desses desenhos seja incerta.

A mesma autora afirma ainda que o que foi convencionado estilisticamente na arte romana era basicamente de influência grega, onde a representação de uma imagem podia se feita de forma bem simplificada. A coluna de Trajano, terminada em 113 d.C., é uma das primeiras peças de arte romana a representar guerreiros de forma correta e de onde saíram muitos outros desenhos. Mas os detalhes e cores ultrapassam as concepções originais.

Os habitantes do norte e do leste da Europa, como moravam em regiões de condições climáticas desfavoráveis devido ao frio intenso, desenvolveram diferentes tipos de indumentária. Estes povos trabalhavam muito a lã, como também o linho, o cânhamo e o algodão na elaboração dos seus tecidos, para com estes criar túnicas, mantos e espécies de calças.

Para os homens, as túnicas podiam ser mais curtas, de couro ou de tecido, as quais eram usadas com calções curtos denominados de braines, ou mesmo as calças longas atadas às pernas por bandas de tecido abaixo dos joelhos. Essas calças eram presas por um cinto que envolvia o corpo por intermédio de passantes, cumprindo uma dupla função protetora, pois, devido à condição de nômades, locomoviam-se sobre o lombo de animal, precisando assim de uma proteção contra o atrito e contra o frio. Por cima, como proteção maior, usavam um manto que podia ser de couro ou de pele de animal, preso ao corpo por broches ou alfinetes.

Já as mulheres do norte e leste europeu vestiam uma túnica longa presa por broches e atadas ao corpo por cintos, cujas fivelas se compunham de discos duplos de metal ocos, nos quais levavam seus pertences. Sobre a túnica, usavam um xale também preso por broche ou fivela. Por baixo da túnica, costumavam trajar uma camisa geralmente de linho com abertura frontal até o peito – vestiam portanto túnicas de lã sobrepostas.

Homens e mulheres tinham cabelos longos, para não serem confundidos com os escravos romanos, e para se protegerem usavam toucas. Para os pés, eram comuns os calçados fechados ou também sandálias em couro atadas por correias e cadarços, para ambos os sexos.

Os bárbaros (figura 3) vestiam peles sobre as jaquetas de couro, símbolo da força do caçador, e suas calças eram ajustadas por amarrações de tiras do mesmo material.



Figura 2. Fonte: <http://cineminha.com.br/filme/41102-Rei-Arthur>

O povo do antigo Império não deixaria de assimilar essas inovações no arranjo de seu vestuário, apesar do seu desprezo pelos bárbaros: as calças usadas pelos bárbaros para a montaria e as batalhas se difundiram pelo território europeu e os soldados romanos foram os primeiros a adotá-las.

O tipo de meia que era usada pelos homens se transformou em calças, que lhes dava uma maior liberdade de movimento. As roupas femininas ganharam volume e peso, impedindo as mulheres de executar tarefas consideradas masculinas.

As cores e os tecidos das vestimentas passaram a ser vistos como elementos de identificação da posição social de quem os vestia, como exemplo o que as calças masculinas, que os nobres as usavam justas e os de classes menos favorecidas folgadas, para dar mobilidade na execução de suas tarefas.

Os povos bárbaros, com a queda do Império Romano, tomaram conta da Europa, trazendo uma grande mudança para a vida das pessoas. As roupas conseqüentemente também foram adaptadas e foram incorporadas as túnicas de tecidos pesados, emendadas com pedaços de couro e calções largos, que faziam parte do modo de vestir do povo bárbaro. Este tipo de vestimenta se tornou característica dos homens da época, juntamente com as botas de couro, as capas com placas de metal e as ataduras enroladas nas pernas, criando assim a proteção contra o frio.

Para as mulheres, mudou muito pouco e pouco se sabe realmente, mas em geral usavam a stola adornada com faixas bordadas e a palla, que era drapeada em volta dos ombros. Ao que consta, nem homens e nem mulheres usavam chapéus, o que existia era uma espécie de lenço comprido que ia da cabeça aos pés. Por baixo deste usava-se um chinó pequeno, um tipo de cabeleira postiça, que aumentava o volume dos cabelos.

Na dinastia Anglo-Saxônica, os reis e rainhas, também eram simplórios em relação às roupas. Usavam túnicas curtas, ficando as pernas descobertas deixando à mostra o uso das grevas. As mulheres, em particular, usavam uma camisola grande e longa e por cima uma sobre-túnica, formando um manto. Os cabelos eram cobertos por um véu comprido, os quais eram usados cobrindo-se toda a cabeça, e o chinó era composto por várias tranças até formarem um nó.

### **Considerações finais**

O figurino do filme é extremamente rico em detalhes, com sutilezas que convencem que os personagens realmente se encontram no século cinco, pois para onde quer que se olhe, encontra-se alguém que foi arrumado com cuidado. Cada cavalheiro, por vir de um local diferente, se supõe que conservava os trajes e costumes de indumentária de sua tribo, assim como suas armas foram pensadas e elaboradas de acordo com suas personalidades, entretanto quando se encontram juntos se nota harmonia visual.

Fazem parte do figurino elementos como coletes segmentados – lorica segmentada, avental de tiras, capacetes com abertura na orelha- para melhorar a audição, assim como os fechados; blusa de malha de aço, escudo de bronze oval, luva



articulada de metal, caneleira – couro ou bronze, capacete com chapa na testa e grandes protetores das faces, estandartes com brasão, lorica segmentada com abas protetoras acima, cinturão de ferro na diagonal, articulações de ombro, saia de couro, cinto largo, armadura grega que parece escama de peixe - mas que são de bronze, colete de pequenas placas amarradas entre si, espadas, lanças, arco e flecha, machados, estojo de flechas, facas na bainha, colete de couro ou linho com a borda rodada e colete com a forma dos músculos em bronze – a parte traseira e a dianteira eram amarradas nas laterais para que a peça se ajustasse de forma precisa ao corpo do soldado.

Dos cavaleiros, os que melhor representam os bárbaros, de uma forma geral são Tristan e Gawain, com suas roupas com aberturas laterais, cabelos longos, meio animalizados pelas roupas de couro e pelos, o elmo no estilo gorro. Os outros cavaleiros são mais romanizados visualmente

As pessoas que rodeiam Arthur, assim como ele próprio que era romano e bretão, são o resultado de uma mescla de culturas que acabou dando certo visualmente, pois elas podem ser diferenciadas por seus detalhes particulares, mas nenhuma é predominante.

Guinevere e seu povo Woads - cheios de tatuagens simbólicas, pintados de azul, cobertos com couro e peles, couro trançado e ajustado ao corpo, levam a imaginar que talvez seja uma referência aos druidas. Os druidas eram sacerdotes politeístas tribais de origem européia, acreditavam na natureza como mãe amada, o carvalho por exemplo era uma árvore sagrada, por isso faziam coroas produzidas com folhas frescas de carvalho para sacerdotes e comemorações importantes. Ao mesmo tempo que ela usa amarrações de couro, usa vestidos longos com broches dourados, que na verdade vão aparecer na França no final de 1700 e norte europeu de 1300 – no enterro de Lancelot.

Os romanos se apresentam com toda sua riqueza de detalhes, as túnicas bordadas, a joalheria e as atemporais roupas eclesiásticas, que chegam até nós através dos séculos.

O vestuário dos saxões possuem uma estética rica e bastante singular, é possível ficar horas entretido com suas diferenças, desde os cabelos até as botas são

diferenciadas de acordo com o comando do pai e do filho, um caos com certeza muito planejado.

Apesar das vestes de guerra durar muito na antiguidade, pois usavam armaduras de um mesmo modelo por mil anos ou mais, tudo que foi visto faz jus historicamente ao encontrado em bibliografias especializadas, exceto as roupas de Guinevere, que estão totalmente deslocadas no tempo, talvez pela personagem ser totalmente fora do padrão feminino esperado para a época, entretanto, visualmente o look não ficou desarmonioso.

Foram feitos 2500 figurinos para esta produção, juntando-se os homens, as mulheres e as crianças. Apesar de terem adaptado matérias-primas mais leves para a confecção de roupas e acessórios, para facilitar os movimentos dos personagens e facilitar nas cenas de luta armada, o visual dos materiais se parece muito com a descrição histórica do vestuário.

Um fato que chama muito a atenção, é que sempre se vê o rei e sua corte bem arrumados e ornamentados, de forma bem elegante, entretanto na realidade de campanas de guerra e mesmo sabendo das condições de vida precárias daquela época, sabe-se que isso é quase utópico. Logo, deparar-se com uma cenografia não tão bonita, mas bem realista, assim como o encontrado nesse filme é bastante satisfatório.

## Referências

KÖHLER, Carl. **História do vestuário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAVIER, James. **A roupa e a moda: uma historia concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEVENTON, Melissa. **História Ilustrada do Vestuário**. São Paulo: Publifolha, 2009.

PAZZINATO, Alceu Luiz e SENISE, Maria Helena Valente. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. **História e Vida volume 3**. São Paulo: Editora Ática, 2000.